

## PAULO FREIRE VIVO: liberdade e educação na pandemia e no ensino de teatro

Paulo Freire is alive: freedom and education during the pandemic and in the teaching of theater

Fernando Antônio Fontenele Leão  
João Batista de Albuquerque Figueiredo

**Resumo:** A Pandemia de Covid-19 tem nos exigido mudanças de hábitos para atender a medidas sanitárias. Essa situação tem gerado posições divergentes na sociedade entre quem se dispõe a cumprir as diretrizes e entre quem reivindica liberdade para agir como bem entender. Discussões sobre liberdade passam a ser comumente vistas em postagens de redes sociais e em manifestações de rua. Mas de que tipo de liberdade essas pessoas estão falando? E o que essa liberdade tão falada hoje tem a ver com a liberdade que discutimos constantemente com as/os estudantes na práxis diária, de base freireana? Esse texto, então, parte de um assombro: como a palavra liberdade pode ser empregada para embasar posturas completamente opostas? Discutiremos o tema da liberdade, em Paulo Freire, em diálogo com uma experiência concreta de ensino-aprendizagem, com estudantes de Licenciatura em Teatro, do IFCE. Na disciplina Metodologia do Ensino em Teatro, a turma organizou e realizou uma ação de extensão universitária, com atividades de arte/educação, em um território camponês, na Chapada do Apodi, Ceará, com base numa perspectiva libertadora. A experiência apresenta um caminho possível para a construção do que Freire considera ser uma educação como prática da liberdade.

**Palavras-chave:** Educação libertadora; Metodologia do ensino; Emancipação.

**Abstract:** The Covid-19 Pandemic has required us to change our habits to meet sanitary measures. This situation has generated divergent positions in society between those who are willing to comply with the guidelines and between those who claim freedom to act as they see fit. Discussions about freedom are commonly seen in social media posts and street demonstrations. But what kind of freedom are these people talking about? What does this freedom have in common with the kind of freedom I constantly discuss with students in my classroom? This text is part of a haunting: how can the word freedom be used to support completely opposite postures? I intend to discuss the theme of freedom, from the thought of Paulo Freire, in dialogue with a concrete teaching experience, with students of the Degree in Theater, IFCE. The discipline Methodology of Teaching in Theater generated an organization and realization of an action of university extension, with art/education activities, in a rural territory, in Chapada do Apodi, Ceará, based on a liberating perspective. I demonstrate that experience presents a possible path for the construction of what Freire considers to be an education as a practice of freedom.

**Key-words:** Liberating education; Teaching methodology; Emancipation.

### Introdução



O mundo vive, desde março de 2020, uma pandemia em consequência do surgimento de um novo coronavírus, responsável por uma virose aguda, denominada Covid-19. Essa situação tem nos exigido uma série de novos hábitos: uso de máscaras, distanciamento físico, higienização das mãos, vacinação. Daí, diferentes discursos sobre o tema da liberdade, de ser ou não ser livre, do controle do Estado, das tentativas de manipulação, das decisões pessoais têm tomado as conversas cotidianas, as postagens em redes sociais e se tornado pautas em atos políticos.

Nos EUA e no Brasil – países que contabilizam maior número de óbitos pela COVID-19 no mundo, até o momento<sup>1</sup> –, a confusão em torno da palavra liberdade tem sido fortalecida por chefes de estado<sup>2</sup> que atuam como populistas de extrema direita, divulgam desinformações sobre métodos de imunização, minimizam os riscos da doença, incentivam sua população a não aderir ao sistema de *lockdown*, divulgam medicamentos sem eficácia, desacreditam estudos sobre vacinas e geram, assim, um cenário de distopia.

Esses discursos que empregam a palavra liberdade para legitimar certas escolhas individuais estão realmente reivindicando liberdade? Por que essas falas geram atitudes tão díspares daquilo que pensamos ser as atitudes de pessoas livres convivendo em sociedade?

Recentemente, em setembro último, comemoramos o centenário de nascimento do educador Paulo Freire, que, já em seu primeiro livro, *Educação como prática da liberdade* (FREIRE, 2020), concluído em 1965, chamava atenção para uma organização da sociedade brasileira que, imersa numa experiência antidemocrática, mantinha a camada mais simples da população reificada, sem a capacidade de decisão para se assumir enquanto sujeito da própria história, e denunciava o contraste entre um modelo de ensino para a “domesticação” e uma perspectiva de educação para a liberdade.

Na sua obra mais conhecida, escrita em 1968, Freire pensou sua *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2005) como uma práxis libertadora capaz de

---

1 Ver <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/08/mortes-por-covid-despencam-mas-brasil-ainda-e-o-pais-com-mais-obitos-do-mundo-em-2021.ghtml>

2 O presidente Donald Trump, nos EUA, até janeiro de 2021; e o presidente Jair Bolsonaro, no Brasil, até este momento (outubro de 2021).



criar condições para a superação da contradição opressores-oprimidos, permitindo àqueles que se encontram aprisionados, mitificados, em razão da introjeção da “sombra” do opressor, tomarem consciência de sua condição e assumirem o seu papel, junto com outras e outros, na luta por sua libertação.

Como o pensamento de Paulo Freire pode auxiliar na leitura desses embates acerca da palavra liberdade, especialmente, no Brasil? Qual o nosso papel, enquanto educadoras e educadores, em relação ao que está acontecendo?

Conversando com artistas e arte/educadoras/es, sentimos que há consonância sobre a direção a seguir: a construção de processos de criação e de ensino-aprendizagem que se pautem pela criticidade e pela poesia, enquanto apontam para a liberdade com solidariedade – também dita como emancipação.

Mas como fazer isso na prática? Como construir processos de criação e ensino-aprendizagem que, considerando dimensões da política, da ética e da estética, possam ser considerados uma experiência de educação como prática da liberdade?

Neste breve texto, apresentaremos uma discussão sobre o tema da liberdade em Paulo Freire, em diálogo com uma experiência concreta de ensino-aprendizagem, com estudantes da Licenciatura em Teatro, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE.

## **Distopias na ficção e na realidade**

O Brasil vive uma situação distópica. Mais de 600.000 mortes pela Covid-19; quase 20 milhões de pessoas vivendo em situação de insegurança alimentar; ampliação das desigualdades de gênero e de raça; aumento dos casos de violência contra populações tradicionais; um terço da população segue apoiando o governo. O Teatro do Absurdo<sup>3</sup> se faz realidade.

---

<sup>3</sup> O Teatro do Absurdo é, de acordo com Esslin (2018), a classificação para uma tendência de peças teatrais de diferentes autores – inclusos Beckett, Adamov, Arrabal, Ionesco – que trataram, no conteúdo e na forma, sobre a desolação, a incomunicabilidade, o desespero do ser humano no mundo Pós-Segunda Guerra Mundial.



A propósito, lançamos mão do enredo de uma peça teatral icônica do Teatro do Absurdo, O Rinoceronte (IUNESCO, 1976), para fazer uma analogia com o atual momento.

Nessa peça, escrita na década de 1950, uma cidade comum, manhã de domingo, viu acontecer um fato surpreendente: um rinoceronte cruzou a praça central. Espanto, admiração, medo, até que alguém assumiu o papel de acalmar as pessoas, dizendo se tratar de um acontecimento muito estranho, mas isolado e sem consequências. Não havia motivo para desespero. Minutos depois, nova passagem do rinoceronte, e, dessa vez, colérico, fez estardalhaço, quebrou objetos das lojas, matou um gato. As pessoas, confusas, foram para suas casas e esperaram que as autoridades da cidade pudessem desvendar esse mistério. Nos dias seguintes, os rinocerontes começaram a se proliferar, inclusive, entre as autoridades. Tratava-se de uma doença em que moradoras e moradores daquela cidade começaram a ver sua pele enrugar, a nascer um chifre na testa, a perder sua humanidade. A rinocerontite – essa doença! – chegou a nível de uma epidemia. Mas essa doença tinha uma particularidade, só infectava às pessoas que se deixassem contaminar pelo vírus. Parte da população falava de modo a diminuir a gravidade do problema, afirmava que se tratava de simples gripe, que as epidemias aconteceram em todas as épocas da humanidade, que os rinocerontes não eram ferozes, que os seres humanos deviam ser livres para mudar de aspecto se não estivessem contentes etc. A peça continua, mas paro aqui a descrição para passarmos à problematização.

Os indivíduos que advogam o direito à liberdade – para se contaminar, contagiar numa histeria, e se transformar num rinoceronte – estão considerando que vivem em uma sociedade? Seria possível uma comunidade de seres humanos compartilhar da cidade e conviver em seu cotidiano com esses animais enormes, de aparência pré-histórica, que agem instintivamente, que possuem um chifre? O pensamento que compreende os desejos individuais como reinantes acima de regras básicas de convivência, impedindo os outros de desejarem, de serem, pode ser considerado liberdade?



Durante a escrita desse texto, houve a passagem de dois “rinocerontes” pelo Acampamento Zé Maria do Tomé, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra – MST, na Chapada do Apodi, Ceará, que já resiste há 7 anos.

Uma acampada afirma que tinha acabado de chegar da cidade de Limoeiro do Norte e que estava em uma mercearia quando sua filha gritou que “a reintegração chegou”. Ela disse ter visto um carro preto com um drone e que logo em seguida acionou outras pessoas do Acampamento. “Quando cheguei no local já havia alguns acampados e o carro já estava saindo em alta velocidade. Eu perguntei quem eram, e os outros acampados falaram que não sabiam, mas disseram que estavam armados e tinham até efetuado um disparo”. Ela afirma que o carro ainda bateu em uma moto. “O rapaz da moto pulou e o carro arrastou a moto por um tempo”<sup>4</sup>.

Embora ações de reintegração de posse estejam suspensas pelo STF enquanto perdurarem os efeitos da crise sanitária da COVID-19<sup>5</sup>, dois agentes da Polícia Federal, sem identificação e à paisana, se sentiram livres e no direito de agir como verdadeiros rinocerontes para intimidar o grupo de agricultores. É para isso que reivindicam liberdade?

A ameaça constante da reintegração dessas terras, violando direitos à moradia, à alimentação e à saúde, impede às/aos acampadas/os exercerem a sua liberdade, desumanizando e distorcendo, assim, a sua vocação de “ser mais” (FREIRE, 2005).

As/os brasileiras/os que, em meio a uma pandemia, têm se uniformizado com camisetas da seleção brasileira de futebol e urrado pelo direito de não usar máscara, de não tomar vacina, de promover aglomerações, de comprar e portar armas de fogo, de atentar contra a democracia estão defendendo e reivindicando liberdade? A quem interessa o modelo de sociedade em que cada um cuida só de si e de sua família, sem qualquer menção à solidariedade com o outro, onde “quem pode mais, chora menos”, submetendo grande parte da população aos desejos despóticos dos mais poderosos?

---

4 Cf. <https://mst.org.br/2021/09/14/moradores-do-acampamento-ze-maria-do-tome-ce-denunciam-acao-violenta-contras-familias/>

5 Cf. <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/ADPF828liminar.pdf>



Um modelo de educação alienante, para a manutenção do “ser humano-objeto”, não permite às pessoas decidirem “entre atuarem ou terem a ilusão de que atuam na atuação dos opressores” (FREIRE, 2005, p. 38), impossibilita uma leitura do contexto político e as induz a propagar uma “falsa realidade”. Passam, assim, a buscarem com todas as suas forças “domesticar” o presente para que o futuro seja só uma repetição do que está posto. Então, não há nenhuma reivindicação real por liberdade, porque, na verdade, a liberdade é temida.

Que perspectiva de educação, então, poderia nos conduzir para pensarmos autêntica liberdade, indissociável da solidariedade?

Considerando a necessidade de denunciar tais situações lamentáveis; e o desejo de anunciar uma experiência concreta de educação como prática da liberdade, vivenciada no território da Chapada do Apodi, Ceará; decidimos retornar à realização de uma ação de extensão universitária, junto a graduandos em Teatro, há 7 anos.

### **Relato e discussão**

Em julho de 2014, Fernando – um dos autores deste trabalho – preparava um plano de disciplina para iniciar uma nova turma de Metodologia do Ensino em Teatro, na Licenciatura em Teatro, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE. Naquele mesmo período, estava realizando uma pesquisa-ação em um território camponês, na Chapada do Apodi, como aluno do curso de Especialização em Cultura Popular, Arte e Educação do Campo, da Universidade Federal do Cariri – UFCA. Fazia visitas regulares à comunidade do Tomé, imersa num conflito ambiental com empresas do agronegócio, e ali realizava uma série de ações de mediação artística e cultural (LEÃO; MACENA FILHA, 2015).

Articular a discussão de metodologia do ensino à intensa experiência de aprendizagem em um território camponês parecia um bom desafio para propor à turma, que seria convidada a elaborar e a realizar uma atividade de extensão na Chapada do Apodi.



A proposta era simples. Dedicar a primeira etapa do semestre – julho a setembro de 2014 – a i) elaborar coletivamente uma ação de extensão; ii) realizar a ação, que consistia numa programação que levasse em conta a) conhecer parte do território da Chapada do Apodi, em que moradoras e moradores pouco ou nada tinham ouvido falar acerca de teatro; b) realizar apresentações artísticas na praça principal da comunidade do Tomé; c) conduzir atividades de teatro/educação com crianças e adolescentes de escolas da região.

De imediato, a turma aderiu ao projeto e se concentrou, durante sete semanas, a preparar a ação.

Nas tardes de terça-feira, o tempo era dividido entre a) ler e discutir sobre arte/educação, experimentar jogos dramáticos e teatrais, refletir acerca de extensão universitária e dialogicidade, conversar sobre o contexto problemático do território; b) organizar a logística da ação, que exigia dialogar com lideranças da comunidade, articular com a secretaria de educação do município de Quixeré e com gestoras de escolas, solicitar ônibus e ajuda de custos ao IFCE, ensaiar as apresentações artísticas, estruturar planos de aula flexíveis, etc..

A construção colaborativa, o envolvimento na preparação da programação de acordo com a experiência de cada uma e cada um, o esforço empenhado para o aprendizado do grupo, foi permitindo que as/os participantes fossem (re)conhecendo a si mesmas/os em suas relações afetivas, em seu lugar social, em sua leitura política da realidade. Essa etapa era muito importante.

O que essa experiência poderia gerar na turma de futuras/os professoras/es de teatro? A hipótese era de que as/os estudantes pudessem se abrir à desconstrução e à reconstrução do seu pensamento acerca da sociedade, se dispusessem a novas buscas e experimentações nos campos da arte e da educação, se encorajassem ao encontro consigo mesmo e com a/o outra/o.

O grupo com 23 estudantes saiu de Fortaleza, Ceará, na manhã de 30 de agosto de 2014, para viajar cerca de 230 quilômetros, até a comunidade do



Tomé, onde seria a base de apoio do grupo. Havia um clima de excitação, de ansiedade, de desejo de aprender e de experimentar aquilo que Freire (2005) chama de co-laboração.

O anseio era por um encontro de sujeitos, em que o eu, que se abre ao diálogo e à dialética, se reconhece no outro, no tu, no não-eu, a fim de continuar se constituindo. “Eu não sou você, você não é eu. Mas sou mais eu, quando consigo lhe ver, porque você me reflete no que eu ainda sou, no que já sou e no quero vir a ser” (FREIRE, 2000, p. 62), afirma poeticamente Madalena Freire, educadora e filha de Paulo Freire. O eu-tu fazem a crítica de si diante do outro, da outra, assumem-se como sujeitos, abertos à mudança, sem querer impor, e aprendem juntos, com a mediação do mundo. Para Freire,

Educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, 1977, p. 25).

Saber, conhecer, aprender são ações de seres humanos-sujeitos, e não de seres humanos-objetos; sujeitos que transformam o aprendido em apreendido e o reinventam.

Portanto, também é importante enfatizar, que considerar, valorizar e acolher a visão do outro para o diálogo não significa assumir o ponto de vista do outro, nem tampouco fundir-se ao outro. Fundamental, então, é reconhecer que, tendo trajetórias, conhecimentos, valores e papéis sociais distintos nesta relação, essas diferenças não devem hierarquizar, silenciar e/ou oprimir o outro.

Han (2017), em sua obra *Sociedade do Cansaço*, afirma que a nossa sociedade é uma sociedade do desempenho. À sociedade disciplinar do século XX, analisada por Foucault, repleta de lei, controle e proibição, opõe-se a sociedade do *Yes, I can*, da motivação, da iniciativa e da superação. O cansaço, para esse autor, não é mais gerado pelo embate com o patrão, pelas horas de trabalho até o momento de registrar o ponto, por seguir à risca as leis





da cidade ou os mandamentos da Igreja; o cansaço é o cansaço de si mesmo, do empreendedorismo do “VOCÊ S/A”, da falta do outro.

O grupo de estudantes da Licenciatura em Teatro, do IFCE, chegando à Chapada do Apodi, pode se deparar com o outro, no sentido do diferente, com aquele que é o não-eu. Freire afirma que a ideia de liberdade “amadurece no confronto com outras liberdades” (FREIRE, 2004, p. 105), daí ser tão fundamental o reconhecimento dessa “outredade” do não-eu, que leva a radicalidade do eu.

Na imagem abaixo (figura 1), podemos ver o grupo visitando o Acampamento Zé Maria do Tomé. Esse chão de barro o nega; as paredes marcam de vermelho as roupas, o corpo; o calor no acampamento parece que vai fazer derreter a pele; a água salobra é difícil de beber; o tipo de preocupação e os propósitos daquelas pessoas não guardam maiores semelhanças com os do grupo; a necessidade de provisão, do hoje, das acampadas e dos acampados chocam com a ideia de previsão, de preparar-se para o futuro, das e dos estudantes, artistas e arte/educadoras/es.

Figura 1 - Juliana Tavares, Fernando Leão, Amanda Alves, Gil Rodriguês, Maruska Ribeiro, Tatiana Amorim, uma criança e uma adolescente do Acampamento Zé Maria do Tomé, Chapada do Apodi, Ceará. 2014.



Foto de Jotacílio Martins. Arquivo do autor.

Ferracini *et al* (2014) afirma que, no cotidiano, no já conhecido, na mesmidade, os corpos, “o desejo e as potências são reduzidos e reprimidos visando produtividade e acúmulo (de bens e de supressão de faltas, carências e ausências), e não produção de vida e de intensidade” (p. 222). A experiência

com o extracotidiano, com o diverso, pode libertar forças que estão aprisionadas, fazer dilatar o corpo, ampliar a percepção do espaço e do outro para a criação de potências de vida. Essa é uma perspectiva de liberdade associada a um processo de liberação de condicionamentos psicofísicos, de desmecanização dos sentimentos, dos pensamentos e dos corpos.

À noite, na praça da comunidade do Tomé, o grupo organizou uma programação com sete apresentações, entre contação de histórias, esquetes, leitura de poemas, música e performance.

Na imagem abaixo (figura 2), uma das apresentações da programação, em que a estudante e atriz Lara Nicolau propôs algo muito simples: usar máscara e figurino e ficar sentada em um banco da praça, para relacionar-se de algum modo com quem chegasse.

Naquela comunidade, a chegada das empresas do agronegócio e o conseqüente processo de desterritorialização – leia-se, diferentes conflitos como alteração na dinâmica de trabalho e horários, contaminação de água e solo por agrotóxicos, imigração de grande quantidade trabalhadores, aumento da violência etc. –, vinha levando a comunidade a perder o hábito de ocupar os lugares públicos, a praça e os seus bancos, havendo um impacto sobre a solidariedade comunitária.

Interessante citar que, nas programações artístico-culturais que Fernando organizou nos meses anteriores, como parte da pesquisa-ação, as pessoas que iam às apresentações tiravam as cadeiras da igreja e as utilizavam para aquela ocasião ou, o que era muito comum, permaneciam montadas em suas motocicletas durante as apresentações. Os bancos permaneciam sem uso.

Um fator a ser destacado, central ao pensamento de Freire, é que a ação educativa/política seja construída a partir da necessidade de conhecimento do grupo com o qual iremos trabalhar (FREIRE, 2005). O conhecimento – pequeno que tenha sido – acerca dos problemas do território, gerou o desejo na artista/ arte/educadora em criar a sua performance em diálogo com o lugar, disponibilizando seu corpo, num dado lugar (um banco da praça), para convidar à partilha do afeto e do aprendizado. Liberdade tem a ver



também com processos de ressignificação de olhares e de permissão à imaginação, matéria-prima da utopia.

Figura 2 - Lara Nicolau e crianças, na praça principal da comunidade do Tomé, Chapada do Apodi, Ceará. 2014.



Foto do autor. Arquivo do autor.

Certamente, interessava, e continua a nos interessar, descobrirmos as potencialidades do teatro e do teatro/educação para estimular transformações na direção da solidariedade, do afeto, das relações sociais saudáveis.

Portanto, era muito importante que as cenas, as performances e os planos de atividade em arte/educação levassem em conta a) enfatizar as dimensões da subjetividade e da comunidade; b) favorecer processos de construção de autonomia e c) estimular a auto-reflexão crítica, de modo a ampliar o tamanho dos passos na direção de uma sociedade que se alicerce na liberdade, com solidariedade.

Também foram realizadas ações em escolas de três comunidades – comunidade do Tomé, Cercado do Meio e Lagoinha – reunindo em torno de 150 crianças e adolescentes, com a condução de 13 arte/educadoras/es em formação.

Na imagem abaixo (figura 3), momento de um jogo bastante comum<sup>6</sup>, de atenção e expressividade, que podemos chamar de Caminhada & Escultura. As/Os jogadoras/es caminham pelo espaço delimitado, observando a melhor

---

<sup>6</sup> Apesar de comum, vocês poderão notar pela descrição que o jogo está adaptado. É muito importante que arte/educadoras/es se sintam livres e tenham autonomia para criar variações dos exercícios e jogos, de acordo com o perfil e as necessidades dos grupos.

distribuição dos corpos em movimento, de modo a não deixar “buracos” (áreas com maior número de participantes que outras). O/A mediador(a) pode narrar uma história, com mais ou menos detalhes, a depender da idade dos/as participantes, de modo a oferecer elementos para que o grupo exercite a imaginação. Em dado momento, a um comando do/a mediador(a), os/as jogadores/as, sem falar e instantaneamente, devem compor uma escultura (individual ou coletiva). Feita a escultura, após pequena pausa, a caminhada é retomada.

Figura 3 - Oficina de teatro/educação em escola na comunidade de Cercado do Meio, Chapada do Apodi, Ceará. 2014.



Foto do autor. Arquivo do autor.

No cotidiano dessas crianças e adolescentes, marcado por privações – inclusive, de acesso, de informação, de formação e de possibilidade de produção em artes –, surgiu algo não conhecido: as “brincadeiras” que tratavam de movimento, de gesto, de fala, de “onde, quem, o quê”, os instigavam à alegria. “Quando tem teatro de novo, tia? A gente adorou!”, perguntou uma criança, ao final, deixando uma estudante do IFCE com o “coração apertado”. Abriu-se ali uma brecha àquelas crianças e às professoras da escola que acompanharam o trabalho para sentir que arte, afeto e alegria têm potencial revolucionário. Lembrando o que afirma Duarte Jr (1988), que, na arte, “a imaginação salta o muro que separa o plausível do imponderável” (p. 102), e nos permite experimentar a liberdade e a potência que nos são negadas – neste momento – na realidade.

Após o almoço do domingo, 31 de agosto de 2014, o grupo retornou para Fortaleza. Havia um clima de cansaço, de satisfação, de certo orgulho pela experiência. Naquela mesma noite e nos dias seguintes, em grupo criado em uma rede social para a organização da ação, os estudantes começaram a fazer postagens com suas percepções e seus sentimentos acerca das atividades. Um trecho de um depoimento, como representativo do pensamento geral:

Quem alimenta quem nesta ida e vinda ímpares? Fiquei pensando: na Comunidade do Tomé – Limoeiro do Norte – Acampamento do MST, ambiente(s) único(s) em que passamos esse último final de semana de agosto de 2014. Seria pretensão demais – e não foi o caso – querermos ensinar alguma coisa, sermos exemplo. Seria egoísmo – nem tão pouco foi o caso – apenas extrair daquelas pessoas, daquele lugar um conteúdo de vida, a força que eles têm. (...) Se fomos trocar experiências, tocar e propor novas realidades às comunidades do Apodi, o que dizer sobre o efeito que elas causaram sobre nós? Quem saiu mais alimentado? Quem saiu mais sedento de arte depois dessa experiência de teatro na rua, na praça, no terreiro, de improviso, de música, de conversa ao pé do ouvido, quem mesmo não é mais o mesmo? Quem deve se preencher de sentido novamente? Os mesmos nós não somos mais, de tanta graça advinda do Tomé. Comunidade da luta, da terra, da água, do sol, da música, do interior do Ceará, da ocupação e dona de direito daquele chão. Dos punhos serrados. Obrigado. (Depoimento de Jotacílio Martins, aluno do curso de Licenciatura em Teatro, IFCE, postado no grupo Atividade dia 30 – Teatro na Chapada: a cena que recria a vida, no Facebook, em 01/09/2014).

Considerando este trecho e os demais depoimentos; a reunião de avaliação da atividade, na terça-feira seguinte; os ecos da experiência nas discussões e nas proposições e conduções de jogos na segunda etapa do semestre com a turma – de setembro a novembro de 2014; o acompanhamento de algumas e alguns das/os estudantes nos semestres seguintes, até sua formatura; os encontros em diferentes ocasiões, já como professoras e professores de teatro; compreendemos que o caminho construído de elaboração e realização desta atividade de extensão universitária foi alicerçado na práxis freireana, libertadora, com a disposição de quem não apenas “está no mundo” mas “está com o mundo” (FREIRE, 2005), dando passos na direção de assumir-se e convidar o outro também a assumir-se



como sujeito de decisão, corajosas e corajosos diante da complexidade do real, criando possibilidades novas de fazer artístico e educativo, inaugurando potências de vida.

### **Considerações finais**

199

Em *Educação como Prática da Liberdade*, Paulo Freire dedicou a metade do livro a falar sobre a sociedade brasileira. E sua conclusão é que, em toda a nossa história, o povo viveu até ali – década de 1960 –, entre a experiência antidemocrática e a inexperiência democrática, sem conhecer a liberdade. E qual foi sua atitude diante desse fato? Esperançar! Propor uma perspectiva de educação, permeada por processos de conscientização, que pudesse ajudar mulheres e homens a escrever um novo capítulo na história do país.

Cinquenta anos passaram, findou o regime ditatorial, veio a redemocratização, a criação de partidos de esquerda, a eleição de um ex-operário, as políticas sociais, mas... o pêndulo da história voltou a pesar para um reavivamento de movimentos de direita e de extrema direita que pretende rabiscar, manchar e ameaça rasgar parte do texto que estávamos esboçando.

Nunca foi fácil – nem será! – para quem se dispõe a estar do lado moralmente mais justo. O nosso papel, que aprendemos com Freire, é o de fazer as denúncias, sim, mas, logo, trazermos o anúncio de outros mundos possíveis.

Nesse breve texto, também de esperançar, o maior objetivo, o que ansiamos ter partilhado verdadeiramente, é a certeza de podermos juntos ressignificar aspectos afetivos, estéticos e éticos, por meio de ações de arte e de arte/educação, de modo a olhar desassombradamente pra o mundo e dizer, “eu temia a liberdade. Já não a temo!” (FREIRE, 2005, p. 24).

Liberdade é conquista instituída em parceria e só faz sentido com os outros e as outras. Ela requer burilamento cotidiano, nas relações face a face, nos conflitos, nas diferenças, nas interações, nos conceitos e convencimento. Liberdade solicita encontro, confronto, reencontro. E no re-existir nos constituímos e geramos potencial devir.



## Referências

- ESSLIN, M. **Teatro do Absurdo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- FERRACINI, R; LIMA, EMFA; CARVALHO, SR; LIBERMAN, F; CARVALHO, YM. Uma experiência de Cartografia Territorial do Corpo em Arte. **Urdimento** (UDESC), v. 1, 2014, p. 219-232.
- FREIRE, M. O que é um grupo? In: BORDINI, J; GROSSI, EP (Org.). **A paixão de aprender**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 46ª. Ed.. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- \_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. 29ª Ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 47ª. Ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- IONESCO, E. **O Rinoceronte**. São Paulo: Abril cultural, 1976.
- LEÃO, FAF; MACENA FILHA, ML. Arte no Tomé: Uma experiência de mediação artística e cultural baseada na comunidade. In: **XXV Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil**, 2015, Fortaleza-Ce. Anais do Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores / Congresso Internacional da Federação de Arte/Educadores. Fortaleza: IFCE, 2015. p. 3643-3657.

## Sobre os autores

### Fernando Antônio Fontenele Leão

fernando.leao@gfe.ufsb.edu.br

Professor Assistente na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), vinculado ao Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC), do Campus Paulo Freire. Possui Graduação em Licenciatura em Teatro (IFCE) e em Tecnologia em Artes Cênicas (IFCE), Especialização em Cultura Popular, Arte e Educação do Campo (UFCA) e Mestrado em Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (UNILAB).

### João Batista de Albuquerque Figueiredo

joaofigueiredo@ufc.br

Professor Titular da Universidade Federal do Ceará. Possui Doutorado em Ciências pela Universidade Federal de São Carlos (2003). Pós Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2008) e Pós Doutorado em Educação sobre Dialogicidade Freireana (PNPD - Capes - 2018).





Recebido em: 01/08/2021

Aprovado em: 31/08/2021

